AVEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1960 ★ N.º 312

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ● ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ● REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

ANO VII

Com o presente número — semelhante a todos os outros — o *Litoral* inicia um novo ano de vida.

Desejaram alguns dos que nele trabalham que o acontecimento se celebrasse, não apenas com íntimo júbilo, mas também com exuberância de pompas.

Haveria, sem dúvida, motivos de sobra para comemorações festivas ruidosas. Escrevê-mo-lo no conhecimento do significado exacto das palavras e sem a mais leve tremura de hesitação: abafar serviços desinteressados e relevantes, de que temos plena consciência, sob a montanha das imperfeições e deficiências, que reconhecemos e deploramos, seria cometer um pecado de falsa modéstia.

O *Litoral* nasceu para servir e tem procurado manter-se fiel à regra austera do seu dever. Sem desdenhar o estímulo dos aplausos, quando sinceros, e o ensinamento das críticas, quando construtivas, o que mais consola e comove é a adesão dos amigos a um honesto programa de vida — é a colaboração prestimosa dos que, por qualquer modo, o ajudam

Continua na página 3

OS SOUTOS DE ANGEJA

ARTIGO DO DR. SOARES DA GRAÇA

DAS monografias que tenho alinhadas na minha estante de estudos sobre terras do aro aveirense, a de «ANGEJA e a região do Baixo Vouga» é das que mais vezes tenho folheado, tal a soma de notícias acerca de coisas e pessoas conhecidas que encerra e, sob múltiplos aspectos, me tem despertado particular interesse. Foi já depois de passados alguns anos de a possuir, que eu li um curioso manuscrito referente a um dos mais destacados vultos da ilustre e bem conhecida família dos Soutos de Angeja — designação que eu, por agora, também emprego por os ver sempre assim referidos, decerto porque nesta terra se enraizou mais fortemente, e muito se ramificou, esta árvore de família [1]. Quero referir-me ao Dr. Manuel Maria Souto e Silva, que nasceu em Angeja no ano de 1800 e que foi o filho mais velho de Francisco Ferreira Souto, e o tronco principal da família Souto, como leio na citada monografia, de que foi autor o conhecido médico, já falecido, também pertencente àquela família, Dr. Ricardo Nogueira Souto.

O Dr. Manuel Maria Souto e Silva foi nomeado Desembargador da Relação de Goa, por Decreto de 3 de Janeiro de 1828, e naquela cidade esteve alguns anos no desempenho do seu alto cargo. Tendo-lhe sido concedida a mercê da *Ordem de Cristo*, ele requereu que lhe fosse permitido professar em Goa e tomar ali o respectivo hábito, o que lhe foi deferido, por despacho datado de Queluz de 2 de Agosto de 1830; organizou-se então um processo informativo, de onde constam muito curiosos depoimentos que, além de reflectirem a consideração geral em que já então era tida aquela família, nos revelam o apreço de que gozava o habilitando, que as testemunhas ouvidas muito bem co-

Continua na página 9

[1] No meu trabalho — *Famílias d'Agueda* trato da família deste apelido e aí estabeleço onde teve a sua origem, conhecida como mais antiga.

O CRIOULO DE CABO VERDE

ARTIGO DO PADRE ANTÓNIO BRÁSIO

UMA das impressões mais fortes de pitoresco e de exotismo que experimentei em Cabo Verde foi-me dada pelo facto linguístico. O *crioulo* é ali uma realidade viva, indiscutível, diria mesmo indestrutível. E com mais realidade deveria dizer os *crioulos*, porque profundamente se diversifica, de ilha para ilha, o linguajar do Português caboverdiano.

Tenho lido umas coisas que por aí andam escritas sobre este interessantíssimo problema, mas ainda não consegui que alguém me desse das suas origens e formação uma explicação cabal, isto é, que intelectualmente me satisfaça.

O Dr. Sá Nogueira esteve prestes a dizer o que penso do assunto, pelo simples exame do processo formativo de numerosos vocábulos, cujo paternalismo português salta à vista. Os elementos de estudo indispensáveis, como a gramática histórica, o dicionário histórico-etimológico, não existem. Quer dizer: um filólogo amador, como eu, ou mesmo um profissional, se os há, não possui ainda os elementos de trabalho indispensáveis para o estudo científico dos crioulos caboverdianos.

Quanto a mim, o crioulo do Arquipélago caboverdiano parece ter-se processado, do ponto de vista histórico, desta forma simples e natural: o colono metropolitano, particularmente o dos séculos XV e XVI, era geralmente iletrado e mesmo analfabeto. Falava, consequentemente, o Português

Continua na página 9

...e assim falou de Aveiro o

SUBSECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO

O Governo tem para com Aveiro especiais responsabilidades. Digo-o, não para louvaminhar ou merecer a vossa simpatia, mas porque esta é a realidade: Aveiro é um Distrito altamente evoluído, curiosíssimo até para quem possa debruçar-se sobre as características da sua actividade.

Mas para nós, os homens da Educação, Aveiro e o seu Distrito aparecem-nos como que uma grande sala de aula: este Distrito tem a configuração de anfiteatro — sala de aula em anfiteatro, como em tantos dos nossos estabelecimentos, tendo, ao fundo, como grande cátedra, o mar.

E, se toda a nossa História está impregnada desse sentido atlântico, aqui poderia ser — visionando, nesta nesga do território nacional, o Portugal Europeu como um grande estabelecimento de ensino — o anfiteatro onde se ensinasse melhor do que em outro sítio qualquer a grande lição do mar.

Curvo-me perante os homens deste Distrito que, no passado, contribuiram, pelo esforço próprio, para esta grande lição; e manifesto a minha esperança nos homens do presente — homens e mulheres que, neste momento, de algum modo estão confiados aos cuidados da Educação Nacional —, na certeza de que eles hão-de merecer desse glorioso passado.

Notícia da visita na página 4

SECRETARIA JUDICIAL

2.º Juízo da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito do Segundo Juízo da Comarca de Aveiro, faz-se público que, na Segunda Secção, corre seus termos o processo de Acordo de Credores requerido por António Luís Morais da Cunha, solteiro, maior, proprietário, residente na cidade de Aveiro, na qualidade de representante dos credores comuns do *Teatro Aveirense, S. A. R. L.*, com sede na cidade de Aveiro, acordo que foi recebido por despacho de 16 de Julho do corrente ano, e em que correm éditos de *trinta dias*, chamando os credores incertos e também os certos que não aceitaram o mesmo acordo, para, no referido prazo, que começará a contar-se da segunda e última publicação deste no *Diário do Governo*, deduzirem oposição por embargos contra o referido acordo.

Aveiro, 1 de Outubro de 1960

O Chefe da 2.ª Secção,
Armando Rodrigues Ferreira

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Carlos Vilas-Boas do Vale

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

1.ª Publicação

DR. ALBERTO SOUTO, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que *Maria da Encarnação Soares*, viúva, residente na Rua do Vento, n.º 38, desta cidade de Aveiro, requereu no sentido de ser autorizada a trasladar os restos mortais de seu pai, *Pedro Soares*, da sepultura n.º 1104 do 4.º Talhão do Cemitério Sul, para a sepultura n.º 1003 do 4.º Talhão do Cemitério Central, desta cidade de Aveiro.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação referida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da Lei, prefira à requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Paços do Concelho de Aveiro, 15 de Setembro de 1960

O Presidente da Câmara,
Alberto Souto

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

1.ª Publicação

DR. ALBERTO SOUTO, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que *Maria da Encarnação Soares*, viúva, residente na Rua do Vento n.º 38, desta cidade de Aveiro, requereu no sentido de ser autorizada a trasladar os restos mortais de seu marido, *Amadeu Rodrigues da Paula*, do jazigo n.º 89, para a sepultura n.º 1003 do 4.º Talhão do Cemitério Central, desta cidade de Aveiro.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação referida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da Lei, prefira à requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Paços do Concelho de Aveiro, 15 de Setembro de 1960

O Presidente da Câmara,
Alberto Souto

Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo

Anúncio

Faz-se público que no dia 10 de Novembro próximo, às 16 horas, na Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para a adjudicação da empreitada de construção, neste Hospital, de uma Enfermaria-Abrigo para Tuberculosos.

Base de licitação . . . 385 000$00
Depósito provisório . . 9 625$00

O programa do concurso, caderno de encargos e o projecto estão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secretaria desta Santa Casa.

Ílhavo, 11 de Outubro de 1960

O Presidente da Comissão Administrativa,
António Joaquim da Silva Lopes

Uma palavra de saudade no ANO VII do Litoral

Continuação da primeira página

a realizar a obra útil que se impôs. Estes são os membros do lar comum, irmanados pela devoção de bem servir: o aniversário do *Litoral* é, antes de tudo, uma efeméride íntima, que desejamos celebrar com a efusão recatada das comemorações domésticas.

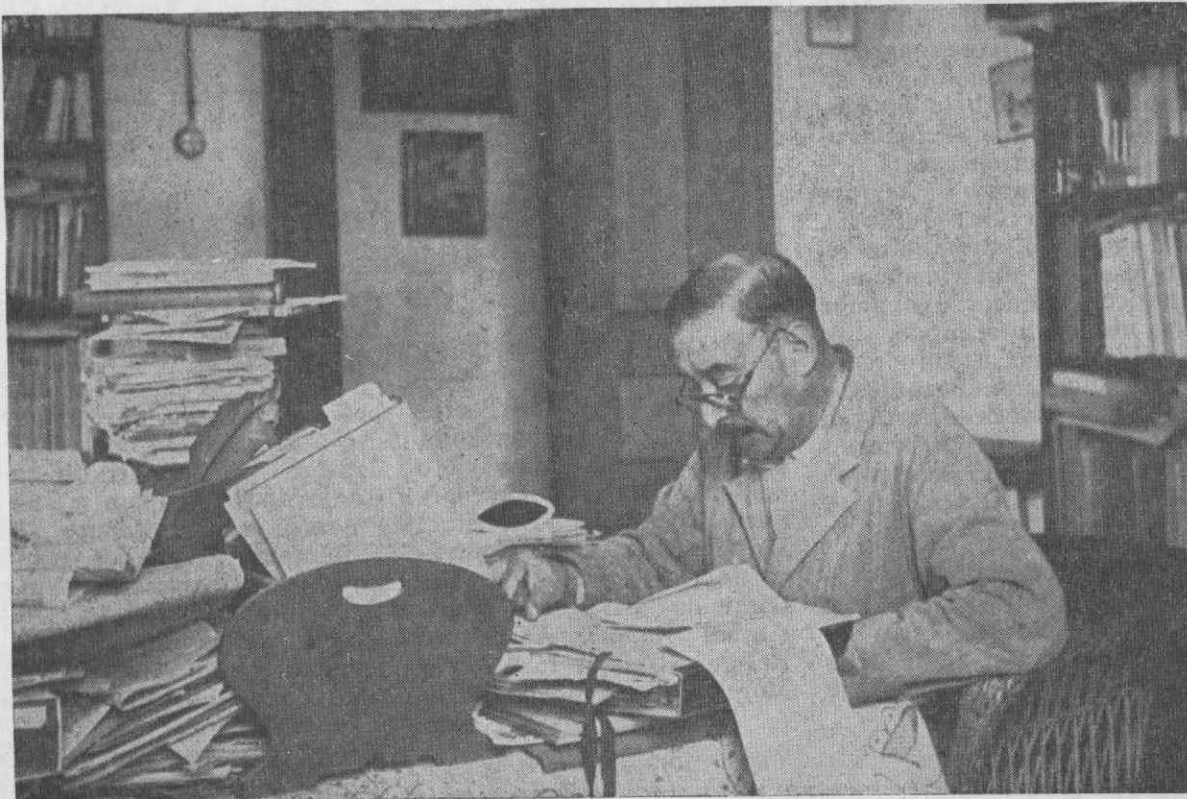
Nos dias grandes do calendário familiar, há que acender devotamente o lume da lareira e sentar à roda da mesa a parentela que a vida dispersou, reavivando pelo convívio o doce e salutar prazer de uma nobre comunhão de sentimentos.

DR. JOSÉ CHRISTO
Falecido em 9 de Maio de 1958

PROF. DOUTOR EGAS MONIZ
Falecido em 13 de Dezembro de 1955

A' maneira patriarcal dos velhos lares portugueses, escrínios de tradições sagradas e de virtudes admiráveis, o *Litoral* enche hoje a casa de risos e de lágrimas, de rosas e de goivos: estão presentes na festa os vivos e os mortos.

Ante os retratos dos que acabaram a sua peregrinação neste mundo, ardem agora mais vivas as lâmpadas votivas da nossa saudade.

D. Francisco Manuel de Melo chamara-lhe um mal de que se gosta e um bem que se padece; e o nosso rei D. Duarte, o do *Leal Conselheiro,* disse dela que simultâneamente despedaça e mitiga o coração...

PROF. DOUTOR JOAQUIM CARVALHO
Falecido em 27 de Outubro de 1958

Por ela, estão presentes na festa do *Litoral* os que, não vivendo já, conservamos bem vivos na nossa estima e na nossa gratidão: o Prof. Doutor Egas Moniz, o Prof. Doutor Joaquim de Carvalho, o Prof. Doutor Amorim Girão, o Dr. José Christo — um que, não sendo professor universitário como os outros, foi, como todos eles, mestre de inteireza de carácter e de disciplinas de bondade.

Todos ilustraram, com os seus talentos, as colunas do *Litoral,* enchendo-as de refulgências. Todos acarinharam este semanário, votando-lhe uma dedicação ilimitada e honroríssima. Todos comungaram a ânsia de bem servir a nossa terra e os altos ideais do nosso programa.

A perda irremediável de tão distintos e queridos colaboradores enche-nos a alma de amargura; mas, como dizia um conhecido escritor, para suavizá-la, só encontramos a triste consolação de a recordar.

O *Litoral* celebra recolhidamente a sua festa de anos, trazendo os mortos ao convívio dos vivos.

PROF. DOUTOR AMORIM GIRÃO
Falecido em 7 de Abril de 1960

Visita do Subsecretário da Educação Nacional a AVEIRO

ACOMPANHADO pelo seu Secretário, sr. prof. Manuel Joaquim Tavares, chegou a Aveiro, ao fim da tarde da penúltima sexta-feira, o sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, Subsecretário de Estado da Educação Nacional, que, no pretérito sábado — cumprindo o programa que nestas colunas oportunamente demos a conhecer —, efectuou visitas oficiais a diversos estabelecimentos citadinos dependentes do Ministério a que pertence, a fim de tomar contacto com vários problemas relacionados com o ensino no Distrito.

O principal objectivo da viagem daquele membro do Governo era presidir à cerimónia de inauguração do CONSERVATÓRIO REGIONAL DE AVEIRO, que ficará a ser — no seu género — o primeiro do País, e cujas aulas se iniciariam na segunda-feira subsequente (o passado dia 10), sob a direcção da sr.ª D. Gilverta Xavier de Paiva.

No Liceu Nacional

Pelas 9 horas, o sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, na companhia do seu Secretário e dos srs. Dr. Jaime Ferreira da Silva, Governador Civil do Distrito, e Dr. Fernando Marques, Delegado Distrital da M. P., foi calorosamente recebido no Liceu Nacional, onde entrou sob os aplausos e os vivas dos alunos e alunas. Depois de cumprimentado, no átrio de entrada, pelos srs. Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu; Dr. Francisco Ferreira Neves, Vice-reitor; e Dr. Adérito Madeira, Médico Escolar, e por todo o corpo docente, o Subsecretário da Educação Nacional percorreu demoradamente as suas instalações, visitando diversas aulas e salas, a biblioteca, o museu, etc..

Na sala dos professores, aquele membro do Governo presidiu a uma cerimónia em que usou da palavra o sr. Dr. Orlando de Oliveira. Principiou por uma saudação, afirmando que o Liceu de Aveiro se sentia muito honrado com a sua visita. Prosseguindo, salientou diversos problemas cuja solução muito interessa ao estabelecimento de ensino que dirige, entre os quais o previsto aumento das instalações (com a construção de mais dois corpos e de mais dois ginásios), o apetrechamento com diverso material didáctico da secção feminina e a situação do Médico Escolar.

Em resposta, o sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa agradeceu as saudações que lhe haviam sido dirigidas, falando, depois, de problemas inerentes à função dos educadores. Referiu-se, seguidamente, à crise existente no ensino secundário, tanto por falta de instalações (devido à enorme população escolar existente), como por falta de professores competentes — crise que se reflete, conjuntamente com a crise geral que a Humanidade atravessa, na educação das camadas jovens. Anunciou que o Governo tem em estudo uma ampla reforma do ensino em Portugal, que já se iniciou com as recentes medidas dadas a conhecer relativamente ao ensino primário: e referiu que está em estudo — as bases serão tornadas públicas brevemente — a criação de um Ciclo Comum Preparatório, logo após a instrução primária e apto a servir de preparação para os subsequentes graus do ensino (técnico e liceal). Este sistema tornaria mais utilizáveis as actuais instalações liceais do País, já que serão construidos novos edifícios para os alunos do Ciclo Comum Preparatório; este receberia os estudantes dos dois primeiros anos do Liceu, além de outros.

Analisou ainda o sr. Subsecretário da Educação o problema — que considerou crítico — da situação dos professores auxiliares e agregados. E a concluir, o sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa fez dois apelos aos professores aveirenses: o primeiro, no sentido de sempre conseguirem um equilíbrio, na sua nobilíssima missão, entre a sua autoridade e a sua competência e o amor aos alunos: o segundo, para incutirem, no ânimo e no sentir dos seus discípulos, a enorme grandeza de Portugal, nossa pátria, e pátria também dos portugueses todos de cinco continentes.

Na Escola Técnica

O sr. Subsecretário de Estado dirigiu-se depois para a Escola Industrial e Comercial, acompanhado pelas autoridades aveirenses atrás referidas e também pelo sr. Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal, e pela sr.ª Dr.ª D. Maria Luísa Couceiro da Costa, Delgada Distrital da M. P. F.. Foi igualmente entusiástica a recepção dos alunos da Escola Técnica, que ofereceram um vistoso ramo de flores naturais àquele membro do Governo, sobre ele lançando também uma chuva de perfumadas pétalas.

Ante o corpo docente, efectuou-se uma sessão de boas-vindas. No uso da palavra, o Director deste estabelecimento de ensino, sr. Dr. Amadeu Cachim, sublinhou a urgência da resolução de um pedido formulado às autoridades superiores para criação, em Aveiro, de uma secção preparatória para os Instituto Industrial e Comercial. Ao terminar, ofereceu ao sr. Subsecretário da Educação Nacional um artístico prato de cerâmica, executado por um aluno da Escola que dirige. O sr. Dr. Rebelo de Sousa agradeceu e fez interessantes considerações, afirmando o propósito governativo de se prestigiar e valorizar o ensino técnico — verdadeiramente essencial nos tempos actuais.

Na Escola Técnica, o sr. Dr. Amadeu Cachim entrega um prato de cerâmica ao sr. Subsecretário da Educação Nacional

Na Escola do Magistério

Ainda de manhã, o sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa visitou a Escola do Magistério Particular de Aveiro, onde as alunas finalistas e as alunas da Escola Primária Anexa lhe ofereceram um ramo de cravos.

Depois de ràpidamente percorrer as instalações desta casa de ensino, o sr. Subsecretário trocou impressões sobre os seus problemas de maior importância com a respectiva Directora, sr.ª Dr.ª D. Maria Bértila Mendes.

Outras visitas

O sr. Subsecretário de Estado deslocou-se, depois, à Casa da Mocidade Portuguesa, que visitou na companhia da sua comitiva e dos srs.: Dr. Fernando Marques, Delegado Distrital; Dr.ª D. Maria Luísa Couceiro da Costa, Delegada Distrital da M. P. F.; Mons. Aníbal Ramos, Assistente Religioso; Major José Alves Moreira, Capitão Dias Santos e João Dias de Sousa, dos Centros de Esgrima, Milícia e Remo; prof. António José Castanho, dos Serviços de Educação Física; e prof. José Hernâni Moreira da Silva, Director dos Serviços de Instrução Geral.

À entrada da Casa da M. P., o sr. Dr. Rebelo de Sousa passou revista a um «castelo» de filiados da organização.

A seguir, foram percorridas as obras em curso na Secção Feminina do Liceu, à Praça da República; e o sr. Subsecretário da Educação visitou a Direcção do Distrito Escolar, onde foi recebido pelo respectivo Director, sr. prof. Boaventura Pereira de Melo, pelos seus adjuntos, srs. profs. Francisco José Lavado Corujo e José Veríssimo Alves Moreira, e pelos inspectores escolares Gomes dos Santos e Dr. João Rocha.

Finalmente, ainda de manhã, o sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa deslocou-se ao Museu Regional de Aveiro, cujas instalações percorreu com muito interesse, ciceroneado pelo respectivo Director, sr. Dr. António Manuel Gonçalves, e pela sua Conservador-Ajudante, sr.ª Dr.ª D. Dulce Souto.

Durante a visita, o sr. Subsecretário da Educação Nacional teve ensejo de admirar os trabalhos expostos pelos alunos da *XXIII Missão Estética de Férias.*

Sessão Solene na Câmara

Pelas 13 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho, teve lugar uma sessão solene, para apresentação de cumprimentos àquele membro do Governo, que presidiu à mesa então constituída, dando a sua direita ao Chefe do Distrito, e a sua esquerda ao Presidente do Município. Aos lados, sentaram-se os vereadores srs. Dr. Humberto Leitão, Dr. Varela Rodrigues, Coronel Diamantino do Amaral, Dr. Orlando de Oliveira e Orlando Trindade.

Na assistência, encontravam-se, entre outras, as seguintes entidades oficiais: deputados drs. Manuel José Archer Homem de Melo e Manuel Tarujo de Almeida; Dr. António Rodrigues, Presidente da Junta Distrital; Coronel José Rodrigues Ricardo, Comandante Militar; Comandante Amândio Pires Cabral, Capitão do Porto; drs. Barata dos Santos e Vilas-Boas do Vale, Juízes de Direito; Dr. Jorge da Fonseca Jorge, Delegado do I. N. T. P.; Dr. Amadeu Cachim, Dr. António Manuel Gonçalves, prof. Boaventura de Melo e Eng.º Coutinho de Lima, respectivamente directores da Escola Técnica, do Museu Regional, do Distrito Escolar e Porto de Aveiro; e Dr. Fernando Marques e Dr.ª D. Maria Luísa Couceiro da Costa.

O sr. Dr. Alberto Souto pronunciou um discurso de cumprimentos e saudação, agradecendo o sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa.

Das palavras proferidas pelo sr. Subsecretário da Educação Nacional, o *Litoral* publica hoje, na primeira página, uma expressiva passagem.

Reunião de trabalhos

Pelas 14.30 horas, no Governo Civil, o sr. Dr. Rebelo de Sousa presidiu a uma importante reunião de trabalhos, em que estiveram presentes, além do Chefe do Distrito, os deputados do Círculo de Aveiro, presidentes de diversos municípios, directores de estabelecimentos de ensino particular e chefes de serviços dependentes do Ministério da Educação Nacional.

Foram analisados vários assuntos de interesse para o ensino, estudando-se a melhor forma de os resolver futuramente, de acordo com as directrizes indicadas pelo membro do Governo que nos visitou.

Inauguração do Conservatório Regional de Aveiro

Antes de regressar a Lisboa, o sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa presidiu, no amplo ginásio do Liceu, a uma tarde cultural — que assinalou a inauguração do Conservatório Regional de Aveiro.

Assistiram, também, diversas marcantes individualidades, dentre elas se destacando os srs. D. Domingos da Apresentação Fernandes, Bispo de Aveiro, Dr. Ivo Cruz, Director do Conservatório Nacional, de Lisboa, e Maestro Afonso Valentim, em representação do Conservatório de Música do Porto — além de autras autoridades cujos nomes atrás se referiram já.

Ao notável acontecimento artístico, e em separado, o *Litoral* faz desenvolvida referência, em notas especialmente escritas pelo seu apreciado colaborador João Artur.

Na presente reportagem, e a conclui-la, resta referir que a tarde cultural foi precedida por uma breve sessão em que usaram da palavra o sr. Dr. Orlando de Oliveira e a Directora do Conservatório Regional de Aveiro, sr.ª D. Gilberta Xavier de Paiva — historiando ambos os oradores aspetos ligados à fundação do Conservatório, e agradecendo todas as facilidades concedidas para a criação de tão prestante veículo de instrução e educação musical dos jovens de Aveiro.

Pela Mocidade Portuguesa

Concurso Internacional do Trabalho

Neste Concurso, recentemente realizado em Barcelona, o jovem operário aveirense Manuel Fernandes de Jesus, da *Metalo-Mecânica, L.da*, obteve, em representação de Portugal, o segundo lugar na modalidade de serralheiro civil.

Depois de terminadas as provas, os concorrentes visitaram Madrid, onde os vencedores receberam das mãos do Generalíssimo Franco, Chefe do Estado Espanhol, os respectivos prémios.

Nesta competição internacional estiveram representados 7 países, sendo 17 o número de concorrentes portugueses.

Benemerência

Do nosso conterrâneo sr. Sílvio Moreira, residente na cidade da Beira (Moçambique) e actualmente em gozo de férias nesta cidade, recebemos a quantia de 50$00, destinada aos pobres protegidos pelo *Litoral* — importância que entregou anteontem, em sufrágio da memória de seu pai.

Horário dos Comboios

Passou a vigorar, há dias, um novo horário dos comboios. Das alterações introduzidas, resultou que as horas das chegadas e partidas, na estação de Aveiro, sofreram algumas modificações, de acordo com a tabela agora vigente.

Por isso, o *Litoral* publica, no seu número de hoje — devidamente ordenado — o novo horário dos comboios.

Gota de Leite

De um grupo de aveirenses que, periòdicamente, se reunem na cidade do Porto, recebeu esta instituição de assistência a quantia de 255$00, o que bem demonstra que não esquecem a sua terra.

Confraternização de funcionários da C. P.

De vários pontos da linha férrea, deslocaram-se recentemente a esta cidade, onde realizaram a sua primeira reunião de confraternização, os verificadores das receitas que prestam serviço na C. P., cuja função é a de fiscalizar e contabilizar as receitas de tráfego arrecadadas nos principais centros ferroviários.

Aqueles funcionários contabilistas visitaram os pontos mais atraentes de Aveiro, nomeadamente a Ria, o Jardim Municipal e o Parque; percorreram o Bairro do Dr. Álvaro Sampaio; e apreciaram a exposição de trabalhos de pintura, escultura e arquitectura dos alunos da Missão Estética de Férias, que esteve patente no Museu Regional.

A reunião, que decorreu em ambiente da maior cordialidade, terminou ao fim da tarde, com o regresso às suas estações, do conceituado conjunto ferroviário, cujos componentes não deixaram de manifestar o seu agrado pelas belezas da nossa cidade.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — MOURA. Domingo — CENTRAL. Segunda-feira — MODERNA. Terça-feira — ALA. Quarta-feira — MORAIS CALADO. Quinta-feira — AVEIRENSE. Sexta-feira — SAÚDE.

Seminário de Calvão

Englobada no programa da Semana das Vocações e dos Seminários, a Diocese de Aveiro inaugura amanhã o novo Seminário de Nossa Senhora da Apresentação, em Calvão.

O novo Seminário de Calvão, uma obra arrojada e grandiosa do actual Bispo de Aveiro, sr. D. Domingos de Apresentação Fernandes, é também obra da Diocese toda.

A inauguração do Seminário terá o seguinte programa:

— A's 13 horas, iniciar-se-á, à entrada de Calvão e com rumo à Casa Agrícola do Seminário, o desfile do *Cortejo de Oferendas* das freguesias do arciprestado de Vagos.

— A's 14.30 horas, os Venerandos Prelados, Autoridades e outros convidados visitarão o novo edifício do Seminário.

— A's 15 horas, cortejo da freguesia de Calvão; Procissão litúrgica em direcção ao altar, erguido na esplanada fronteira ao Seminário; Pontifical e ordenação de dois novos diáconos.

— A's 16.30 horas, descerramento duma lápide em memória do Padre António Martins Baptista.

Benção do edifício.

O corpo docente do Seminário de Santa Joana Princesa, os seminaristas e o Clero diocesano participarão em todas as cerimónias religiosas.

Pela Capitania

Movimento marítimo

• Em 7, entraram, procedentes de Lisboa, o rebocador *Aveiro* e navio-tanque *Cláudia*, este, com 770 toneladas de gasolina super.

• Em 8 sairam, com destino a Lisboa, o rebocador *Aveiro* e o navio-tanque *Cláudia*.

• Em 10, demandou a barra, vindo de Leixões, o rebocador *Vale do Gaio*.

Faleceram:

Coronel Rui Pessoa de Amorim

No Hospital Militar da Estrela, em Lisboa, faleceu, no passado dia 2, o sr. Coronel Rui Padrão Pessoa de Amorim, que comandou o Regimento de Infantaria 10, de Aveiro.

O distinto Oficial, que contava 60 anos de idade e se encontrava na Reserva, deixou viúva a sr.ª D. Josefa Amélia Correia Bruno Machado Pessoa de Amorim; e era pai da sr.ª D. Maria de Lourdes Bruno Machado Pessoa de Amorim e do sr. Tenente Rui Manuel Bruno Machado Pessoa de Amorim.

D. Maria da Conceição Damião

No penúltimo domingo, dia 2, faleceu em Cacia, com 73 anos de idade, a sr.ª D. Maria da Conceição Ferreira Damião.

A idosa senhora, era viúva do saudoso José Marques Damião; e mãe do Director do semanário «Ecos de Cacia», Manuel Damião, das sr.as D. Maria Rosa, D. Vitória, D. Maria José, D. Maria da Glória e D. Maria Madalena Ferreira Damião, e do sr. António Damião.

D. Maria Teresa da Paula Morais

Em 5 do corrente, faleceu a sr.ª D. Maria Teresa da Paula Morais, que deixou viúvo o conhecido árbitro de futebol aveirense sr. Eduardo Peixinho dos Reis.

A saudosa extinta era mãe da menina Maria Eduarda e do menino David de Morais Peixinho dos Reis.

D. Maria Eugénia Greno Matos Brogueira

Na sua residência na cidade do Porto, faleceu no pretérito sábado, dia 8, após prolongado e doloroso sofrimento, a sr.ª D. Maria Eugénia Greno Matos Brogueira, esposa do sr. Fernando Matos Brogueira, e mãe do menino João Alberto Greno de Matos Brogueira.

A saudosa extinta era filha do sr. Artur Delgado Greno e da sr.ª D. Elisa do Carmo Gama Pardal e irmã da sr.ª D. Maria Manuela, e dos srs. Artur Manuel e Nuno Vasco Gama de Medeiros Greno todos residentes em Aveiro.

António Santana de Pinho

Na segunda-feira, dia 10, faleceu, em consequência de um atropelamento em Canelas (Estarreja), o industrial sr. António Santana de Pinho,

Contava 33 anos de idade, e era geralmente considerado e estimado por suas qualidades de carácter e de trabalho.

Deixou viúva a professora oficial sr.ª D. Maria Cândida de Oliveira Durão; era filho do sr. António Marques de Pinho e genro do sr. António da Costa Durão, ambos industriais e proprietários da *Pastelaria Estrela Ilhavense.*

D. Luísa Saraiva

Também no dia 10, faleceu a sr.ª D. Luísa Graça, que era mãe da sr.ª D. Carolina Saraiva; sogra do sr. Alberto da Graça; e avó dos srs. Guilherme da Graça, e Joaquim e Florindo Saraiva Graça.

A's famílias enlutadas, em especial ao sr. Manuel Damião, os pêsames do Litoral

Agradecimentos

A família de José dos Santos Gamelas, reconhecidamente, agradece a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor, especialmente àqueles a quem, por desconhecimento de moradas, o não puderam fazer directamente.

Conceição Ferreira Picado

Amélia Ferreira Gamelas e Manuel dos Santos Gamelas vêm, por este meio, agradecer, muito reconhecidamente, a todas as pessoas amigas que se dignaram acompanhá-los no seu profundo desgosto, quando do falecimento de sua querida irmã e cunhada.

cartões de Visita

FIZERAM ANOS:

Em 8 — As sr.as D. Amália Bandeira Rangel de Quadros Branco, esposa do sr. Coronel José Branco, D. Maria Clementina Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha Barata da Rocha, esposa do sr. Dr. Barata da Rocha, e D. Rosa Azevedo Alves, e os srs. António de Barros Paula Santos, funcionário da Agência de Aveiro do Banco de Portugal, e José Carlos Gamelas de Almeida, filho do sr. Tenente José Augusto Rodrigues de Almeida, dos Serviços Administrativos do *Litoral*, ausente em Lourenço Marques.

Em 9 — A estudante universitária e nossa colaboradora Aldina Frias; e os srs. Eng.º Agrónomo Raul Wahnon Correia Pinto, residente em Malange (Angola), e Dr. Francisco de Assis Bernardo Ferreira da Maia, filho do sr. Dr. Francisco de Assis Ferreira da Maia.

Em 10 — Os srs. Dr. António Peixinho e Júlio Ferreira Dias.

Em 11 — Os srs. Dr. José da Veiga Teixeira Lopes, António Joaquim da Cunha, Luís da Silva Perpétua e João Artur Trindade Salgueiro, nosso dedicado colaborador; e o menino António Joaquim, filho do sr. Arlindo Gouveia da Cunha.

Em 12 — O Rev.º Padre António Augusto de Oliveira, Capelão da Santa Casa da Misericórdia, Professor da Escola Técnica de Aveiro e Editor do «Correio do Vouga»; os srs. Manuel Reis Baptista, Agente em Aveiro do Banco de Portugal, e Jofre Almiro Gomes de Moura; e o menino Rui Duarte Vieira da Cunha, filho do sr. Duarte Simões da Cunha.

Em 13 — As sr.as D. Alexandrina Morgado Barbosa, esposa do sr. Alberto Ferreira Barbosa, e D. Maria Emília Catarino Pereira Praia, esposa do sr. Carlos da Cunha Couceiro; os srs. Manuel Pompeu da Loura Figueiredo, nosso bom amigo e colaborador, e João Manuel da Silva Lemos Moreira; a menina Maria de Lourdes Lopes da Silva, filha do sr. José da Silva Cravo; e os meninos António Augusto Decrock Gaioso Henriques, filho do sr. Dr. João Gaioso Henriques, radiologista no Hospital de Luanda, e Manuel da Silva Lemos, filho do sr. Amadeu de Lemos Moreira.

Em 14 — As sr.as D. Júlia Candal, esposa do sr. Dr. Manuel Dias da Costa Candal, e D. Margarida Teles Miranda, esposa do 1.º Sargento Carlos Augusto Pires; os srs. António da Costa Ferreira e Eng.º Mário Gonçalves da Costa; e as meninas Eneida da Silva Sabino, filha do sr. Tenente Jaime Sabino, Maria de Fátima Ferreira Carvalho, filha do 1.º Sargento sr. Manuel António Carvalho e Rosália Pereira de Almeida.

FAZEM ANOS:

Hoje — A sr.ª D. Maria das Dores Moreira da Cunha, esposa do sr. António Joaquim da Cunha; e o sr. D. Domingos de Lemos Manoel (Atalaya).

Amanhã — A sr.ª D. Delminda da Costa Sarrico Vieira Gamelas, esposa do sr. António Maria Duarte Vieira Gamelas; e o sr. prof. Gelásio Sarabando da Rocha.

Em 17 — As sr.as D. Margarida Sousa Lopes e D. Maria da Apresentação Martins Pereira, filha do sr. José Pereira; o universitário António Ricardo da Silva Pereira e Castro; a menina Maria Benedita, filha do sr. José Vieira da Maia Romão; e o menino José Manuel, filho do sr. Eng.º Alberto Branco Lopes, Presidente da Comissão Municipal de Turismo.

Em 18 — O sr. Joaquim Costa.

Em 19 — A sr.ª D. Romão Tavares, esposa do sr. Augusto Tavares de Almeida; os srs. Dr. José Vieira Gamelas, D. António Xavier Manoel (Atalaya), e Emílio da Silva Campos; e o menino Eduardo Manuel Campos Trindade da Silva, filho do 1.º Sargento sr. Luís Trindade e Silva.

Em 20 — As sr.as D. Ana Maria Silva Cunha, esposa do sr. Arlindo Gouveia da Cunha, de Estarreja, D. Isaura dos Santos Santana, esposa do sr. António Nunes da Rocha, ausentes em S. Paulo (Brasil), e D. Maria do Rosário Simões Branco Neves, esposa do sr. Dr. Manuel das Neves; o sr. João José da Maia Vieira Barbosa, funcionário em Aveiro do Banco Português do Atlântico; a menina Maria da Conceição, filha do sr. João dos Santos Baptista; e o menino José Manuel Figueiredo de Resento Feio, filho do 2.º Sargento José de Resende Feio, aveirense residente em Luanda.

Em 21 — A sr.ª D. Maria José Tavares de Vilhena Génio, esposa do sr. Domingos Génio, de Ovar; e o sr. Agostinho de Almeida.

TRANSFERÊNCIA

A seu pedido, foi recentemente transferido da Escola Industrial e Comercial de Oliveira de Azeméis para a Escola Técnica de Aveiro, tendo tomado posse, no passado dia 8, do lugar de professor de Caligrafia e Dactilografia, o sr. António Ferreira Estima Rino.

PARABÉNS

No próximo dia 21, passa o aniversário natalício da menina Ercília Martins Pereira.

Por esse motivo, seu avô e sua avó apresentam à sua netinha os melhores votos de felicitações.

Agostinho de Almeida
Maria Rosa Martins Pedreira

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

1.ª Publicação

DR. ALBERTO SOUTO, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que *Antónia Canha de Carvalho Dinis Ferreira*, viúva, residente na Rua José Rabumba, n.º 6, nesta cidade de Aveiro, requereu no sentido de ser autorizada a transladar os restos mortais de seu marido, *Virgílio Dinis Ferreira*, da sepultura n.º 616 do 3.º Talhão do Cemitério Sul, desta cidade, para a sepultura n.º 835 do 4.º Talhão do Cemitério Central, também desta cidade.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª publicação destes, qualquer oposição a trasladação referida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da Lei, prefira à requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Paços do Concelho de Aveiro, 8 de Outubro de 1960

O Presidente da Câmara
Alberto Souto

Arrisque um palpite!

Dentre os leitores que acertarem no resultado exacto dos desafios do *BEIRA-MAR* e, devidamente preenchido, entregarem no *RESTAURANTE GALO D'OURO* o «cupon» que o LITORAL publica, em exclusivo, todas as semanas é designado — por sorteio — um concorrente que terá direito a um almoço ou jantar no referido Restaurante. Os «cupons» devem ser entregues até às 19 horas dos sábados que antecedem os jogos a que se referem.

Nome: ______

Morada: ______

Resultado: VIANENSE ____ BEIRA-MAR ____

Horário dos Comboios

PARA O SUL		PARA O NORTE		PARA O V. DO VOUGA		Comboios destinados a Aveiro que chegam do V. do Vouga e do Porto	
Horas de partida	Obs.	Horas de partida	Obs.	Horas de partida	Obs.	Chegada	Obs.
1.28	Correio, Lisboa	5.34	Correio, Porto	7.45	Liga para Viseu	7.20	De Sernada do Vouga
7.00	Coimbra	6.50	Tranvia, Porto	10.21	» » »	8.17	» » » »
7.28	Coimbra (a)	8.27	» »	12.58	» » »	10.48	De Viseu
9.16	Coimbra	11.01	» »	16.25	» » »	12.58	De Sernada do Vouga
10.19	Foguete, Lisboa	12.22	Rápido, Porto	18.10	» » »	14.08	Tranvia do Porto
11.29	Coimbra	12.53	Tranvia, Porto	18.55	» » »	15.50	De Viseu
13.21	Semi-directo, Lisboa	14.53	Automotora, Porto	20.00	Só até Sernada	19.25	» »
15.04	Foguete, Lisboa	16.21	Semi-directo, Porto			20.27	Tranvia do Porto
16.02	Autom., Coimbra (a)	17.55	Foguete, Porto			21.52	» » »
18.52	Coimbra	18.30	Tranvia, Porto			22.47	De Viseu
19.40	Rápido, Lisboa	19.31	» »				
		21.22	» »				
		22.34	Foguete, Porto				

(a) Têm ligação para Lisboa

SECÇÃO DIRIGIDA POR

DES POR TOS

ANTÓNIO LEOPOLDO

AS TÁCTICAS... E AS TÉCNICAS...

UM ARTIGO DE ARMANDO COIMBRA

Agora, tudo está calmo. Nos meios futebolísticos, nos centros de cavaqueira, respira-se um ar mais puro, mais suave e tranquilo. As tertúlias são as mesmas, mas, pelo menos, fala-se em voz mais baixa, mais amena e optimista.

E, se o prélio de S. João da Madeira foi o bálsamo e o ensaio de Ovar a confirmação, a última pugna, frente a um União de Coimbra persistente e brioso, serviu de prova real, e aos conimbricenses não foi dada outra alternativa senão ajoelhar, quase pedir perdão, vergados ao peso duma clamorosa derrota.

O Beira-Mar passou a jogar ao ataque — e a equipa encontrou-se. Todos o viram, mesmo até os incrédulos. As tácticas e as técnicas, que ainda há bem poucos dias levantavam as vozes e absorviam quase todas as conversas, passaram para segundo plano. Mas ninguém embandeirou em arco. Nem mesmo aqueles que, desassombradamente, sempre defenderam o seu ponto de vista, ainda que este contrariasse os mais catedráticos.

O futebol tem os seus segredos, como tem os seus caprichos. Mas não é matéria transcendente, ou, pelo menos, tão transcendente como alguns querem. Não é também — em nossa modestíssima opinião — comparável, na afinação do conjunto, à harmonia duma orquestra sinfónica, como outros pretendem. Nem mesmo como imagem o aceitamos. O futebol é, como se sabe, um desporto sem lógica, seja qual for a batuta.

Jogar ao ataque e jogar à defesa — foi a questão. Efectivamente, notava-se que a equipa aveirense não rendia o que podia. Exibia apreciável nível técnico. Evidenciava poder, força, miolo de jogo. Mas estava presa, contraída. Faltava-lhe atrevimento. O jogo defensivo já não era uma táctica, mas sim um sistema, quase nunca imposto, mas sim consentido.

Não se pense, no entanto, que não admitimos as cau-

Continua na página 8

De tempos a tempos é necessário aparecer. Há que marcar presença, mostrar actividade, mesmo que se repita o que tantas vezes se tem dito. Não será esse o nosso caso, mas, enfim, é uma justificação que pode servir a uns tantos...

1 *Começa a ganhar foros de idiotice — passe o termo — a luta de determinados grupinhos em volta de dois conhecidos jogadores de futebol do Beira-Mar.*

E' o caso duns tantos apaniguados, que, à falta de melhor, perdem o tempo a apregoar e exaltar as virtudes dos respectivos ídolos e a minimizar as qualidades dos ídolos contrários.

Referimo-nos, como é bem de ver, ao despique absurdo que corre acerca da utilização de Diego e Correia. O caso chega a provocar hilariedade, sabendo-se que ao treinador, e só a ele, compete decidir.

Além de risível, o facto merece censura, até porque, desta questão, só o Clube poderá sair altamente prejudicado. O Campeonato é longo e todos nunca são demais. Repare-se, por exemplo, no União de Coimbra que, no dizer do seu treinador — o conhecido Calicchio — dispõe, apenas, de doze jogadores, no número dos quais se inclui ele próprio.

Incitem-se os atletas, quaisquer que sejam, e confie-se, sobretudo, no seu esforço e no desejo de fazer mais e melhor. O que ninguém terá o direito é de diminuir A em detrimento de B, por muito que se queira à Colectividade! Haja um mínimo de respeito, meus senhores. Ou será que estamos em erro?!

2 No pretérito sábado teve início o Campeonato Distrital de Basquetebol. À estreia auspiciosa do Beira-Mar, que venceu bem a Sanjoanense, ajunta-se o excelente triunfo do Clube dos Galitos, no sempre difícil recinto de

Continua na página 8

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

Com os anunciados desafios em Ílhavo, Sangalhos, Aveiro e Cucujães — a que separadamente nos referimos —, iniciou-se o Campeonato Distrital da I Divisão da Associação de Basquetebol de Aveiro. Factos salientes: uma única vitória de equipas visitantes (do Galitos, em Ílhavo); a auspiciosa estreia do Beira-Mar, que conseguiu a melhor marca da jornada (os amarelos-negros obtiveram tantos pontos como o Cucujães e o Águias reunidos...); a pobreza dos números registados em Ílhavo, Sangalhos e Cucujães; as vantagens tangenciais de sangalhenses e cucujanenses, frente a esgueirenses e mogoforenses.

A prova prossegue, hoje e amanhã, com os seguintes jogos:

HOJE — *Galitos-Sangalhos*, em Aveiro (Rinque do Parque), às 22 horas; *Águias-Illiabum*, em Mogofores; e *Cucujães-Sanjoanense*, em Cucujães — ambos às 21.30 horas. AMANHÃ — *Esgueira-Beira Mar*, em Aveiro (Campo da Alameda), às 10 horas.

Illiabum, 20 - Galitos, 32

Árbitros: Manuel Neves e Manuel Gonçalves.

Illiabum — Jorge 2, Grilo 4, Elmano 10, Rio 4, Cachim, Branco e Correia.

Galitos — Albertino, José Fino 11, Arlindo 1, Artur Fino 4, Luís Robalo 6, e Júlio 10.

1.º tempo: 13 - 20. 2.º tempo: 7 - 12.

Os ilhavenses conseguiram 9 cestas de campo e converteram 2 lances livres, em 10 tentativas (20 %). Os alvi rubros marcaram 15 cestas e transformaram 2 dos 13 lances de que beneficiaram (15, 38 %).

Sangalhos, 26 - Esgueira, 24

Árbitros: Manuel Bastos e Narsindo Vagos.

Sangalhos — Arménio, Farate 2, Feliciano 1, Alberto 8, Manuel Ferreira 11, Calvo 4 e Barros.

Esgueira — José Calisto, Ravara 2, César 2, Manuel Pereira 12, Américo 8, João Calisto e Vinagre.

1.º tempo: 13 - 9. 2.º tempo: 13 - 15.

Os bairradinos conseguiram 11 cestas e converteram 4 lances livres em 6 tentativas (66, 66 %). Por seu turno, os esgueirenses também marcaram 11 cestas; mas sòmente converteram 2 dos 10 lances livres que tiveram a seu favor (20 %).

Beira-Mar, 49 — Sanjoanense, 35

Árbitros: António Rino e Carlos Neiva.

Beira-Mar — Necas 1, Feliciano 6, Rio 10, Pimenta 6, José Luís Pinho 26 e Cerqueira.

Sanjoanense — Mário, Fontes, Armando 8, Lagoc 13, Edmundo 10, Lino 2, Américo 2 e Aureliano.

1.ª parte: 29 - 15. 2.ª parte: 20-20.

Os beiramarenses conquistaram 20 cestas de campo e converteram 9 dos 24 lances livres de que beneficiaram (37, 5 %). Os sanjoanenses marcaram 13 cestas e converteram 9 lances livres em 16 tentativas (56, 25 %).

Cucujães, 25 - Águias, 24

Árbitros: Albano Baptista e Aureliano Silva.

Cucujães — Bastos, José Luís 2, Santos 2, João Ramalhosa 10, Jorge 11, e Silvestre.

Águias — Pinto, Oliveira, Aurélio 2, Pereira 18 e António Baptista 4.

1.º tempo: 10 - 6. 2.º tempo: 15 - 18.

Os locais marcaram 11 cestas e transformaram 3 lances livres em 10 tentativas (30 %); e os mogoforenses obtiveram 10 cestas e concretizaram 4 dos 11 lances livres de que beneficiaram (36, 36 %)

FUTEBOL

JOGO PARTICULAR

BEIRA-MAR, 10 — UNIÃO, 0

COMPARECEU muito público no pretérito domingo, no Estádio de Mário Duarte, a presenciar o desafio Beira-Mar — União de Coimbra, apesar do encontro ser extra-Campeonato.

Dirigiu a partida uma equipa formada pelo árbitro Mário Silva e pelos fiscais de linha Eduardo Panão (bancada) e Manuel Bastos da Madalena (Peão), tendo os grupos apresentado:

BEIRA-MAR — Violas (Sidónio; Evaristo (Louceiro e Calisto), Liberal (Louceiro) e Jurado; Amândio e Sarrazola (Amaral); Garcia, Laranjeira, Diego, Miguel e Paulino.

UNIÃO — Alfredo (Orlando Vieira); Brito, Severino e Matiota; Orlando Vieira e Zeca; Tó Marques, Bétinho, Aprígio, Artur e Costa.

Os sistemas que ambas as equipas perfilharam — jogo aberto — valorizaram grandemente o encontro amistoso com que aveirenses e conimbricenses preencheram a forçada paragem do torneio nacional em que os dois grupos se encontram envolvidos. Na realidade, este facto permitiu que o espectáculo fosse extremamente agradável, já que jamais se assistiu a futebol negativo.

Com mais valores, com mais conjunto e evidenciando ainda melhor preparação técnica e atlética, os beiramarenses chamaram a si o comando da partida, desde começo até final. E como corolário da maré alta de entusiasmo que atravessa, a equipa de Aveiro impôs-se claramente a um antagonista brioso e correctíssimo, que aceitou com o maior desportivismo o avolumar do *score*, sempre procurando resistir com aprumo e entusiasmo, e porfiando, ainda, na vã tentativa de conseguir o chamado golo de honra.

Magnífica, no seu todo, a exibição do Beira-Mar (não obstante as alterações que Anselmo Pisa introduziu no onze, para avaliar melhor a utilidade dos seus principais reservistas — note-se, por curiosa, a experiência do jovem Calisto a defesa lateral) teve períodos de intenso fulgor. Numa tarde de rutilante e esplendoroso

Continua na página 8

MOTONÁUTICA

Como se anunciou nestas colunas, na passada semana, o Sporting de Aveiro promoveu, no domingo, na Pateira de Fermentelos, diversas competições náuticas, que despertaram muito interesse entre os numerosos assistentes que acorreram àquela zona, pelas fases de muita animação que caracterizaram as provas.

Não esteve presente, por impossibilidade surgida à última hora, o sr. Ministro das Obras Públicas, tendo presidido ao júri de honra o sr. Capitão do Porto de Aveiro.

Proeza notável de CARLOS COELHO

Reportagem de JAIME BORGES

DOMINGO, pela manhã, o tempo estava magnífico: não havia frio nem fazia vento, embora estejamos já no Outono. Um dia surpreendente. Cerca das 8.30 horas, deveria lançar-se à água, para vencer, em «mariposa», alguns quilómetros, o monitor de natação do Centro Extra-Escolar n.º 1 da Mocidade Portuguesa e do Clube dos Galitos, CARLOS ALBERTO DE MOURA BAPTISTA COELHO.

A prova foi ocompanhada por um júri ténico da Associação de Natação de Aveiro, composto pelos srs. Tenente Joaquim Augusto Quaresma e Olinto Ravara; pelos dirigentes da M. P. Rev.º Padre António Augusto de Oliveira, que filmou a competição, e José Hernâni Moreira da Silva; pelo Director do Clube dos Galitos Rui Veiga; pelo jornalista desportivo Manuel de Castro; pelo antigo remador olímpico Manuel da Cruz Regala; e por diversos outros desportistas, que seguiram numa lancha do turismo. Faltou um médico: desconhecemos os motivos dessa falta, que determinou um substancial atraso na partida, de junto da Lota, já que se esteve mais de meia hora à espera da chegada do clínico que havia sido convidado.

Depois de convenientemente untado com forte camada de lanolina, Carlos Coelho, precedido por um bateira-guia em que tomámos assento, lançou-se às águas da Ria, eram precisamente 9 horas e 17 minutos. Começara a grande aventura!

A nosso lado, na bateira, verificando o andamento de Carlos Coelho e apontando-lhe o melhor percurso, ia o pai do nadador. Respirava confiança, uma contagiante confiança!

A «mariposa» é um estilo difícil, duro e violento — sobremaneira cansativo. Repare-se só: nas competições oficiais, a máxima distância neste estilo são os 200 metros!

O objectivo do desportista aveirense era, de início, bater a distância de 2 000 metros, já que — segundo se sabia e se falava na bateira guia — determinado nadador egípcio havia percorrido o duplo-quilómetro numa hora, firmando um *record* mundial não homologado. Conseguidos os seus intentos, Carlos Coelho prosseguiria, até onde lho permitissem a sua resistência e a sua disposição.

Atingiram-se os 1 000 metros. Calos Coelho está um pouco atrás de nós, seguro de si mesmo e de um ritmo pendular na sua vigorosa braçada. Ganhou novos motivos de in-

O valoroso nadador Carlos Coelho, representante do Clube dos Galitos, no final da sua memorável e brilhante proeza do passado domingo

Continua na página 8

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA SÉTIMA PAGINA

FUTEBOL

BEIRA-MAR — UNIÃO

sol, choveram golos sobre golos, para todos os gostos e paladares..., coroando jogadas de extrema simplicidade ou concluindo lances verdadeiramente espectaculares e dignos de nota. Dentre todos eles, dois dificilmente nos sairão da memória: o quarto da série, monumentalmente conseguido num fortíssimo pontapé de Paulino, que, na corrida, emendou, indefensàvelmente para qualquer *keeper*, um oportuno cruzamento de Diego; e o oitavo, obtido, numa bem calculada antecipação de Miguel a dois defesas adversários, com um pontapé pleno de força e colocação.

No quarto de hora final, já com o marcador a indicar 10-0, o jogo deixou de ter interesse, pois os unionistas ficaram reduzidos a nove elementos, por se terem lesionado o defesa Severino e o guarda-redes Alfredo — um jovem que denotou brilhante futuro. No grupo de Coimbra, destacaram-se, ainda, Matiota, Orlando Vieira (o médio conimbricense, colocado na baliza, veio a operar algumas paradas merecedoras de aplauso), Aprígio e Zeca.

No Beira-Mar, gostámos sobremaneira de Miguel, Laranjeira e Amândio; mas o facto é que só dificilmente se poderá apreciar qualquer das suas actuações fora do onze em que aqueles elementos se encontram enquadrados. De facto, o Beira-Mar — aquela equipa do Beira-Mar / 1960 de feição atacante — valeu, principalmente, por se ter apresentado como um bloco forte e seguríssimo, possuidor de um *association* simples, envolvente e terrìvelmente prático.

Os golos foram alcançados cinco em cada meio-tempo. Até o intervalo, marcaram: *Laranjeira*, aos 16 e 18 m., *Miguel*, aos 29 m., *Paulino*, aos 31 m., e *Diego*, aos 44 m.. Após o reatamento, fizeram tentos: *Garcia*, aos 59, 64 e 73 m., *Miguel*, aos 67 m., e *Diego* aos 75 m..

O árbitro, por si, teve erros de somenos importância; mas os *bandeirinhas*, sobretudo o que actuou do lado da bancada, forçaram-no, muitas vezes, a cometer erros imperdoáveis.

Campeonatos Regionais

I DIVISÃO

A quinta jornada da prova máxima do futebol distrital touxe-nos duas curiosidades: primeiramente, surgiram duas goleadas — que, caso curioso, foram obtidas pelos grupos que se encontram igualados no topo da tabela; depois, verificou-se o facto — impar até ao presente momento — de terem triunfado todos os grupos que actuaram nos seus recintos.

Resultados do dia: RECREIO, 1 — ARRIFANENSE, 1; LAMAS, 4 — PEJÃO, 2; ESPINHO, 7 — CESARENSE, 0; OVARENSE, 2 — LUSITÂNIA, 0; e CUCUJÃES, 4 — VISTA ALEGRE, 0.

TABELA DE PONTOS

CLUBES	J.	V.	E.	D	Bolas	P.
Espinho	5	4	—	1	12 - 2	13
Cucujães	5	4	—	1	11 - 5	13
Recreio	5	3	1	1	8 - 4	12
Ovarense	5	3	1	1	6 - 4	12
Lusitânia	5	2	1	2	7 - 7	10
Pejão	5	2	1	2	8 - 8	10
Arrifanense	5	2	—	3	7 - 6	9
Lamas	5	1	1	3	7 - 10	8
V. Alegre	5	1	—	4	4 - 11	7
Cesarense	5	—	1	4	4 - 17	6

RESERVAS

A prova prosseguiu, no pretérito domingo, tendo-se apurado estes desfechos:

Série A — FEIRENSE, 8 — ARRIFANENSE, 0; PEJÃO, 0 — SANJOANENSE, 9; e LUSITÂNIA, 1 — ESPINHO, 1.

Série B — RECREIO, 4 — CUCUJÃES, 0; e OVARENSE, 2 — ESTARREJA, 1.

CLASSIFICAÇÕES

SÉRIE A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	4	4	—	—	23- 0	12
Arrifanense	5	3	—	2	10-17	11
Feirense	4	3	—	1	21- 5	10
Lamas	4	2	1	1	5- 3	9
Espinho	4	1	1	2	3-10	7
Lusitânia	5	—	1	4	6-16	6
Pejão	4	—	1	3	2-19	5

SÉRIE B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	3	3	—	—	14- 4	9
Cucujães	4	2	—	2	8-12	8
Beira-Mar	3	2	—	1	10- 7	7
Recreio	3	2	—	1	9- 7	7
Ovarense	4	1	—	3	6- 8	6
Estarreja	3	—	—	3	2-11	3

JUNIORES

Ovarense, 1 — Beira-Mar, 0

Jogo no Parque Marques da Silva, de Ovar, sob a direcção do sr. Oliveira Cadete, tendo servido de fiscais de linha os srs. Gil Soares (bancada) e Pais Lima (Peão). Os grupos apresentaram:

Ovarense — Sanfins; Eduardo e Américo; Filipe, Augusto e Belchior; Praças, Hugo, Correia e Baptista.

Beira-Mar — Vaz Pinto; Madail e Carvalho; Gamelas, Sarrico e Lemos; Virgílio, Melo, Eduardo, Martinho e Souto e Silva (Celestino).

Jogou muito mal o *team* visitante, já que alguns dos seus elementos não se encontram devidamente preparados. O tento solitário que garantiu o êxito dos vareiros foi marcado, aos 60 m., pelo extremo-esquerdo *Baptista*.

Outros resultados:

Série A — CUCUJÃES, 1 — OLIVEIRENSE, 2; ARRIFANENSE, 2 — FEIRENSE, 4; e ESPINHO, 1 — SANJOANENSE, 0.

Série B — ANADIA, 0 — RECREIO, 3; e VISTA ALEGRE, 1 — ESTARREJA, 0.

SÉRIE A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense	2	2	—	—	5- 2	6
Oliveirense	2	2	—	—	8- 3	6
Sanjoanense	2	1	—	1	6- 4	4
Espinho	2	1	—	1	3- 6	4
Cucujães	2	1	—	1	1- 3	2
Arrifanense	2	—	—	2	5-10	2

SÉRIE B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Recreio	2	2	—	—	8- 0	6
Ovarense	2	2	—	—	3- 1	6
Beira-Mar	2	1	—	1	4- 4	4
Vista Alegre	2	1	—	1	1- 5	4
Estarreja	2	—	—	2	1- 3	2
Anadia	2	—	—	2	3- 7	2

Jogos para AMANHÃ

CAMPEONATO NACIONAL

II DIVISÃO — 4.º dia

OLIVEIRENSE-GIL VICENTE
BOAVISTA-FEIRENSE
CASTELO BRANCO-CHAVES
CALDAS-PENICHE
UNIÃO-VIANENSE
BEIRA-MAR-MARINHENSE
TORRIENSE-SANJOANENSE

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO — 6.º dia

ARRIFANENSE-OVARENSE
PEJÃO-RECREIO
CESARENSE-LAMAS
ESPINHO-CUCUJÃES
LUSITÂNIA-VISTA-ALEGRE

RESERVAS — 6.º dia

ARRIFANENSE-LAMAS
SANJOANENSE-FEIRENSE
PEJÃO-ESPINHO
CUCUJÃES-BEIRA-MAR
ESTARREJA-RECREIO
OVARENSE-OLIVEIRENSE

JUNIORES — 3.º dia

SANJOANENSE-CUCUJÃES
OLIVEIRENSE-FEIRENSE
ARRIFANENSE-ESPINHO
ESTARREJA-ANADIA
RECREIO-BEIRA-MAR
OVARENSE-VISTA-ALEGRE

As técnicas... e as tácticas...

telas defensivas. Mas só em determinados casos, na defesa por conveniência — e não por medo ou receio...

Está a equipa lançada no bom caminho e tem valor para cometimentos mais largos. Os dissabores hão-de vir também, ou não fosse o futebol tão fértil em surpresas, tão irónico e desconcertante. São as contingências do próprio jogo, e nele não há privilegiados. Pensemos na união clubista, e saibamos aceitar os diferentes pontos de vista. Criticar não é condenar.

Agora, tudo está calmo.

— Por quantos se ganha no domingo? — é a pregunta que anda no ar...

Mas nada de optimismos exagerados, pois o eco das últimas exibições de certeza já chegou à Marinha Grande...

Armando Coimbra

CARLOS COELHO

teresse, aumentou a expectativa pela prova: aproximavam-se os 2 000 metros... Passada esta marca — em tempo de longe melhor que o atribuido ao nadador egípcio a que atrás se aludiu —, Carlos Coelho continuou a nadar: a cadência da braçada prosseguiu, em ritmo pleno de regularidade. Não se notavam sombras de esforço no nadador, que antes parecia redobrar de poder quando, como várias vezes sucedeu, via que o fotografávamos.

A nosso lado, seu pai afirmou-nos:

— *Ontem, o Carlos disse-me que faria o possivel por atingir a «Sacor»...*

— E que distância teria ele de percorrer? — interrompemos.

— *À volta de cinco quilómetros!*

Olhámos o nadador. Braçada sempre igual. Ânimo forte. Faltariam dois quilómetros para a «Sacor», quando a Ria se encapelou, devido ao vento vindo do mar, dificultando o andamento de Carlos Coelho. Mas o nadador tudo venceu, e, após passar os 4 000 metros, aumentou o ritmo das braçadas — rumo à meta que idealizara.

No entanto, não se ficou por aí; sentindo-se com força bastante, resolveu prosseguir até S. Jacinto. Regressara às suas braçadas normais.

Na lacha e na bateira-guia, aumentara o *frisson*, muito compreensìvelmente: estava-se a assistir a uma proeza notável. E as interrogações, dum lado para o outro, sucediam-se em ritmo de metralha:

— *Irá ele bem?*

— *Quantos quilómetros faltam agora?*

— *Estão preparadas as toalhas? Haverá alcool bastante para estregar o Carlos?*

Entretanto, nas águas da Ria, Carlos Coelho galgava metros sobre metros. A corrente, a dada altura, quase o arrastou para trás; um pouco mais de vigor, e tudo ficou vencido. As margens de S. Jacinto estão pertíssimo: e são tocados, exactamente ao fim de 1 hora e 35 minutos!

Espontânea e prontamente, salvas de palmas coroaram a inesquecível vitória do atleta, premiando o seu belo esforço, a sua notável proeza — que se reveste de enorme projecção internacional, dado que, neste difícil estilo de «mariposa», deve ficar a constituir a maior distância até hoje percorrida em todo o Mundo.

★

Sem evidenciar sinais de cansaço, Carlos Coelho sorria, verdadeiramente feliz. Pousou, em diversas fotografias, e, para aquecer, executou alguns exercícios ginásticos.

Depois, tomou um reconfortante banho quente, e conversou com o LITORAL.

— Carlos, como te sentes, qual a tua disposição?

— *Estou magnificamente! Sinto que poderia ter nadado uma distância ainda maior; mas penso que não era preciso tentá-lo hoje para me convencer a mim mesmo das minhas possibilidades.*

— E provar, também, a quantos descriam de ti... — atalhámos, logo prosseguindo: — Por que fizeste esta prova?

— *Há cinco anos, estabeleci, com 1 hora e 51 minutos, o novo record da travessia S. Jacinto Aveiro. Pensando comemorar, este ano, aquele feito, decidi-me por uma ideia que me entusiasmou: fazer alguns quilómetros em «mariposa». O estilo é difícil e, se conseguisse vencer uma distância considerável — propus-me ultrapassar 2.000 metros —, obteria uma performance, inédita pelo menos.*

— Qual o motivo que te levou, então, a prosseguir dentro da Ria?

— *Pelo meu esforço, e também porque fui muito feliz, encontrava-me com excelente disposição: portanto, decidi-me ir até à «Sacor», primeiro, e até S. Jacinto, depois...*

— ... e fizeste-o, batendo inclusivamente o teu próprio *record* da travessia!

Carlos Coelho sorriu apenas, significativamente, e disse-nos:

— *Assim aconteceu. Se me permites, queria pùblicamente agradecer as facilidades, apoio e incentivo que me prodigalizaram o Clube dos Galitos e a Mocidade Portuguesa, a quem dedico a minha prova de hoje.*

Entretanto, Carlos Coelho aprontara-se para o regresso a Aveiro. Já vestido, foi demoradamente abraçado; primeiro por seu pai, e, depois, por quantos o haviam acompanhado ou vitoriado.

Estava feliz o Carlos Coelho, que se comportou como um verdadeiro campeão, e que, por esse motivo, bem merece os melhores louvores e aplausos.

O LITORAL felicita-o vivamente, nesse cumprimento envolvendo o Clube dos Galitos e a Mocidade Portuguesa, por contarem nas suas fileiras um tão valoroso representante.

XADREZ DE NOTÍCIAS

O árbitro internacional brasileiro Renato Righetto, que se encontra em Portugal a dirigir uma série de treinos destinados aos juízes de campo nacionais, esteve em Aveiro, na quarta-feira. Na impossibilidade de dirigir um jogo-treino, como estava previsto — para, na prática, corrigir sistemas ou exemplificar novos processos —, aquele desportista proferiu uma interessante e útil palestra, na sede do Clube dos Galitos.

No pretérito domingo, no desafio particular de futebol de homenagem ao jogador Silva, da Sanjoanense, a turma sanjoanina derrotou por 4-1 o grupo principal da Oliveirense.

Bernardo Leite, internacional de basquetebol do Benfica, treinará, na segunda feira próxima, com os representantes do Beira-Mar, sob orientação do Dr. Lúcio de Lemos.

Em Espinho, Antonino Baptista e o Sangalhos venceram, com muito brilho, o circuito ciclista que ali se efectuou no ultimo domingo, integrado no programa de homenagem que foi prestada ao valoroso corredor internacional Joaquim Carvalho, do Académico do Porto.

Após o encontro de sábado passado, os basquetebolistas da Sanjoanense e do Beira-Mar confraternizaram, no decurso de um copo de água servido no Restaurante Galo d'Ouro. Aos brindes, falaram, pelo Beira-Mar, António Leopoldo Rebocho Christo e o Dr. Lúcio Lemos; e, pela Sanjoanense, Silvio Bulhosa e Joaquim Lagoa.

No penúltimo domingo, em Ílhavo, a turma de hóquei em patins do Galitos venceu o Illiabum por 5-2, com 1-0 ao intervalo.

O promissor e jovem médio beiramarense Ribeiro, que se encontra a prestar serviço militar perto de Lisboa, foi cedido, por um ano, ao Estoril Praia, que assim conseguiu um excelente reforço para o seu grupo de futebol.

O Beira-Mar convidou o Sporting da Covilhã para um desafio amigável, que, se chegarem a bom termo as negociações encetadas, terá lugar no dia 1 de Novembro.

Com o encontro GALITOS — SANGALHOS, principia esta noite, às 21 30 horas, o Campeonato Distrital de Reservas, em basquetebol — em que se encontra ainda inscrito o team representativo da Sanjoanense. O jogo será dirigido pelo árbitro António Arroja.

José Porfírio de Carvalho e Silva, de Aveiro, arbitra no Porto, amanhã, o importante desafio Salgueiros-Benfica, do Campeonato Nacional da I Divisão. O encontro de Aveiro, entre o Beira-Mar e o Marinhense (Nacional da II Divisão), é dirigido pelo sr. António Soares, do Porto.

O Beira-Mar continuará com o moçambicano Hassane Aly ao seu serviço, já que aquele conhecido e apreciado futebolista se decidiu a permanecer nesta cidade, não transitando, portanto, para a Ovarense.

Acaba de ser criada, na velhinha e prestigiosa Sociedade Recreio Artístico, uma Secção de Pesca Desportiva.

Árbitros designados para os jogos da segunda jornada do Campeonato Distrital de Basquetebol: Carlos Neiva e José Pires, Galitos-Sangalhos; *Manuel Neves e Manuel Gonçalves,* Águias-Illiabum; *Albano Baptista e Aureliano Silva,* Esgueira-Beira-Mar; *e Manuel Bastos e Narsindo Vagos,* Cucujães-Sanjoanense.

DA MINHA JANELA...

3 — *Com o patrocínio do Litoral, realizou-se, recentemente, o «I Circuito Ciclista de Oliveirinha», uma prova para populares que suscitou bastante interesse.*

O êxito que a competição alcançou deveria sugerir à Casa do Povo de Oliveirinha, que sabemos possuir dirigentes de boa capacidade (o que nem sempre sucede), a criação de uma Secção de Ciclismo.

Ciclistas não faltariam! E, de resto, Aveiro-cidade não possui nenhum Clube com essa Secção. A Associação Regional ficaria sobremaneira enriquecida com mais um filiado.

Estamos certos de que os dirigentes da Casa do Povo de Oliveirinha não deixarão de ponderar no assunto — se já não o tiverem feito —, analisando bem os motivos de interesse que a realização traria para a sua ridente freguesia e para o Desporto.

Ílhavo. Assinale-se, como nota de muito agrado, a maneira hospitaleira como foram recebidos os aveirenses. De facto, não fazia sentido que duas colectividades, tão ciosas dos seus pergaminhos, se vissem envolvidas em cenas pouco edificantes, sempre que se defrontavam.

Os ilhavenses deram o exemplo e cá ficamos à espera de que, duma vez para sempre, acabem os mal entendidos. Ainda bem que imperou o bom senso, o que, repetimos, registamos agradàvelmente.

O CRIOULO DE CABO VERDE

Continuação da primeira página

popular e iletrado do seu tempo.

Não tendo ele próprio frequentado a escola, seria utópico pensar ou exigir-lhe que fundasse no Ultramar um sistema educativo que a mesma Metrópole desconhecia e que só veria a luz do dia em meados do século passado.

O ensino e a aprendizagem da língua portuguesa no Arquipélago realizou-se, portanto, não por via clássica e erudita, mas por via oral, auditiva e popular, com todas as consequências nefastas inerentes ao sistema: linguagem de iletrados e de analfabetos, mal sabida e mal pronunciada, apanhada no ar por ouvidos de balantas, mandingas, gentes de bijagós e de todo o mapa etnográfico da Guiné, desde o século XV aos nossos dias, desde logo maltratada, quando não profundamente viciada na pronúncia e na sintaxe.

O crioulo caboverdiano, como outro linguajar humano, pode ser estudado sob dois aspectos profundamente diferentes, se não divergentes: o filológico e o sociológico.

Encarado no aspecto filológico, isto é, pelos cultores da filologia românica, não há que falar, como o fizeram Lopes de Lima e Gilberto Freire, em «gíria ridícula» nem em «composto misterioso de antigo português», nem pode causar repugnância estomacal a quem cultive cientìficamente a filologia, talqualmente — a comparação é do Dr. Lopes da Silva — não pode repugnar ao médico o exame de fezes e escarros, para salvar uma vida humana. O crioulo, escreve ainda o mesmo autor caboverdiano, «é como que a respiração do povo que o criou». Não pode, pois, tirar-se-lhe sem que o matem por asfixia...

No aspecto filológico vou até aceitar que ele possa ser «instrumento de expressão literária», mas custa-me já admitir e aceitar que ele possa ser — não por *intrínseca* incapacidade expressiva, problema que não discuto agora, mas na palpável realidade prática da vida — instrumento *útil e utilizável* de cultura científica.

Pondo de lado o crioulo como o dialecto românico e a sua riqueza filológica para os arqueólogos da linguística, importa estudá-lo ou considerá-lo no plano sociológico. Antes e para além da sua finalidade e hipotéticas potencialidades literárias, o crioulo, como todas as línguas, é um instrumento de comunicação humana em todas as actividades da vida, das mais rudimentares e afectivas até, portanto, às mais elevadas do pensamento e da ciência; tem um valor sociológico positivo, de utilitarismo imediato, que o justifica entre ilhéus, já que é «a respiração do povo que o criou», mas que adquire logo valor apenas de material interessante de laboratório linguístico, para além da faixa marítima que cinge as ilhas.

Pode dizer-se do crioulo de Cabo Verde aquilo que Gourmont escreveu da linda gaulesa, em contacto com o idioma e cultura romanos: é uma língua sem utilidade comercial e sem utilidade cultural prática — sem querer pôr em causa a sua vitalidade científica intrínseca ou o seu progresso, que vejo exaltar entusiàsticamente, mas a que oponho, no entanto, as minhas reservas bem fundadas...

O Dr. Baltasar Lopes, especialista do crioulo, escreveu: *rigorosamente somos todos bilingues.* Mas, todos, quem?! Certamente muitos caboverdianos que se ilustraram com um curso na Metrópole, que foram trabalhar em S. Tomé, em Angola, em Dacar ou na América. Mas a massa popular?! Mas o vadio do interior?! Mas os próprios alunos das escolas primárias e até os estudantes dos liceus?!

Sejamos realistas e... verídicos! Não tenhamos medo nem covardia da verdade! Eu ouvi várias pessoas, com responsabilidades pesadas no ensino, confidenciaram-me, com amargura, as dificuldades da redacção, de raciocínio, de aprendizagem científica, verificadas nas aulas. Eu mesmo o verifiquei na Brava e no Fogo e podia tê-lo feito em todas as ilhas...

A prática *corrente* do crioulo, *desacompanhada* da prática igualmente *corrente* e social do «português normal» — a expressão é do Dr. Lopes da Silva, grande apóstolo do crioulo — ou, se quiserem, *bilinguismo vivo,* é desastrada, simplesmente desastrada, para o futuro humano de numerosíssimos habitantes do Arquipélago, e reflete-se ou está mesmo na origem do seu comportamento moral, intelectual e sociológico. E, neste sentido, não me parece repugnante, mas de modo nenhum, o duro veredicto proferido por Gilberto Freire, como sociólogo, contra o crioulo.

Efectivamente, o sociólogo brasileiro aceita e louva, inteligentemente, as «expressões regionais», com que se enriquece dia a dia a língua portuguesa nas diversas paragens do globo; mas estas «expressões» não atingem o idioma comum senão quase na epiderme, no seu léxico. Ora o crioulo é muito mais que uma «expressão regional» e atinge profundamente o idioma comum em todo o sentido. Negá-lo é dar provas de muita paixão e de muito pouca inteligência. A morfologia, a fonética e a sintaxe portuguesas, por falta de ensino clássico, pela prática quase exclusiva no linguajar nativo, resultam profundamente alteradas, irreconhecíveis.

Mostre a Escola ao aluno o interesse humano e social que lhe advirá do conhecimento perfeito e da prática corrente da língua portuguesa, do «português normal», com o qual poderá fazer render, em seu proveito, o seu esforço e capacidade humana, em qualquer parte do imenso território da Nação...

O preto angolano ou moçambicano, não esquecendo embora a língua materna, tem vaidade e orgulho em falar correctamente a língua portuguesa. É mesmo, para ele, um atestado manifesto de civilização e de integração. Em Cabo Verde chega a fazer-se gala no uso do crioulo e no desprezo prático do «português normal»; não só nas escolas e na vida de relação dos nativos: mas os próprios metropolitanos, uns por necessidade de compreensão, outros por pedantismo, fomentam a situação, que deveriam procurar modificar.

Arvora-se frequentemente a bandeira do «bilinguismo» e do interesse filológico e literário do crioulo. Mas quer-me parecer, por vezes, que por detrás da fachada filológica e literária, nos bastidores e na realidade, o que se pretende é outra coisa, talvez inconfessável: a *cristalização social* do caboverdiano, que a prática corrente da língua portuguesa não permitiria. É convicção muito minha e muito séria, de que não há, efectivamente, meio mais eficaz para se conseguir tal intento...

Debrucem-se os responsáveis sobre o problema, pois bem me parece que é digno da maior atenção.

Padre António Brásio

Os Soutos de Angeja

Continuação da primeira página

nheciam, classificando-o de «muito hábil» e «muito bem inclinado» e concluindo por achá-lo de «muito merecimento». Todas elas indicaram o nome de seus pais e avós, que eram, por este lado de **Soutos**, Francisco Ferreira Souto Maria Arraes, pelo que eu relacionei logo esta gente com as famílias do mesmo apelido de Souto, que já vejo muito espalhadas, nos meados do século XVI nos então minúsculos lugarejos da Gesteira, Massoida e Rio Côvo, que ficam assentes nas primeiras faldas da serra do Caramulo, mas ainda dentro dos limites do concelho de Águeda. Mais tarde, venho a encontrá-los no velho burgo de Assequins, a par de Águeda, e também aqui, onde, no final do século XVII e princípios do seguinte aparecem como figuras de destaque no quadro social da época, e Dr. Manuel do Souto Vidal e seu irmão Dr. Simão Luís Vidal, ligados por laços de parentesco a outras famílias da terra, entre elas a da Quinta das Lágrimas, de Coimbra.

Mas é boa altura de ver então que a forma porque é usual designar esta família, se pode traduzir a ideia de que em Angeja ela teve o seu maior desenvolvimento e expansão, não mostra bem a sua origem quando se souber que Maria do Souto, casada com João Rodrigues, da antiga Vila de Assequins teve uma filha — também chamada Maria do Souto —, casada em Águeda, em 9 de Março de 1734, com Manuel João Ferreira, e foram estes os pais de João Ferreira Souto, que, a 14 de Agosto de 1767, foi a Angeja casar com Maria Nunes Arraes, os troncos basilares dos *Soutos de Angeja.* E assim se estabeleceu esta cadeia de família, de um ramo que se transplantou para as formosas margens do Vouga, onde tão fortes laços a prenderam e tão notàvelmente se desenvolveu e ilustrou.

Soares da Graça

Conservatório Regional de Aveiro

NOTAS DE JOÃO ARTUR

No passado sábado teve lugar um acontecimento que certamente virá a constituir um fasto na história milenária da nossa cidade. Em ambiente de «alto nível», sob o ponto de vista oficial, mas, sobretudo, em atmosfera de carinhoso interesse, inaugurou-se o *CONSERVATÓRIO REGIONAL DE AVEIRO.*

A génese e criação do novo instituto julgava-se serem já conhecidas, não obstante o recatado meio em que se processaram; mas... quanto de enganoso houve, afinal, nas facilidades que se supuseram adstritas ao seu nascimento, logo que se soube da assegurada protecção que lhe dispensava a «Fundação Gulbenkian»... Na verdade, só depois de ter ouvido o Reitor do nosso Liceu expor — em comovido agradecimento às entidades a que teve de recorrer — os passos do seu autêntico feito, se pode avaliar quanto trabalho e assiduidade, tiveram de ter lugar para nos vermos enriquecidos com o recém-criado Conservatório Regional de Aveiro. Modestamente se escusou o Dr. Orlando de Oliveira a dar-se o papel de primacial importância que teve na feliz realidade que aqui festivamente se regista. Permita, todavia, o infatigável Reitor que se diga, agora, que só ele conseguiu vencer a passividade anestesiante de todos os que proclamam saudade e fome de Música em Aveiro — verdadeiramente: de todos nós, os que damos palmas num Concerto e nos pomos apenas a aguardar o próximo..., caso seja uma Orquestra Sinfónica ou um *virtuose* de nomeada, caso ainda os preços sejam baratos, ou grátis preferivelmente, num salão cómodo e com um programa que inclua as nossas obras preferidas, imensa babel musical que vai desde o «Guilherme Tell» à «Dança do Sabre» em andamento da paranoia. Agradeça-se, pois, ao Reitor do Liceu, esta obra maravilhosa — que vai pôr ao alcance dos nossos filhos o contacto e a intimidade com a Música, e criar uma camada nova, capaz de compreender o pesar com que executamos o nosso único gesto musical: carregar o botão do gira-discos...

A inauguração realizou-se no ginásio do Liceu. Após a sessão solene, assistiu-se a uma «Tarde Cultural», em que se apresentou um grupo de alunos da «Academia de Música de Santa Maria», da Vila da Feira. Jovens pianistas; um violinista pouco mais que infantil; uma agradável orquestrasinha de cordas; uma declamadora; um harmonioso grupo de baile; e ainda um coral — deram à assistência a medida das possibilidades de formação musical de uma escola especializada.

A mais do que um Pai ouvimos fazer referência à questão das propinas...

Para isto não há remédio, nem uma carteira cheia de entusiasmo e sincero interesse substituirá uma outra mais magra, mas de conteúdo sonante! Todavia, se pensarmos bem, se tivermos a coragem de opor um tanto de idealismo e elevação a certas considerações de ordem material, talvez convenhamos em crer na possibilidade de uma larga frequência no Conservatório Regional. O dinheiro investido na educação artística dos filhos poderá não proporcionar a imediata tranquilidade decorrente de um *pé-de-meia* ou de uma inscrição bancária... Tenhamos, porém, a franqueza de trazer à superfície do nosso consciente qualquer das derrotas sofridas na vida, qualquer uma das mil dificuldades e duros encontrões com nos mimoseia o simples facto de estarmos cá, de termos nascido; reparemos que não guardamos ressentimento ao Pai que não nos fez milionários! Sofrem-se as inevitáveis limitações, suspira-se e sonha-se muito mais do que se goza ou realiza, mas tudo se amalgama e acaba por diluir no quotidiano. Uma faceta mais, porém, que o esforço do Pai nos faça descobrir, clarificar e tornar límpida, quando não brilhante; a dádiva de um dote artístico, companheiro fidelíssimo sem ser importuno, isso faz que se sublime em nós a recordação do Pai, e abençoemos o seu desapego e liberalidade.

Que Santa Cecília — há mais de cem anos protectora e padroeira da Banda Amizade — dispense ao nosso Conservatório a sua protecção e padroado!

O Leitor tem a palavra ...

AVEIRO

A REGIÃO AVEIRENSE
A SUA HISTÓRIA ★ AS SUAS GENTES ★ OS SEUS PROBLEMAS

através de

PERGUNTAS & RESPOSTAS

ELEMENTOS COORDENADOS POR H. LEITÃO

RESPOSTAS

9 *Quando foi construido o Farol da Barra? Conhece pormenores da construção?*

★ Foi o projecto deste farol elaborado em 5 de Abril de de 1884, pela Direcção Geral dos Correios, Telégrafos e Faróis, tendo sido o seu primeiro orçamento, que era de 46 000$000 réis, aprovado por portaria de 20 de Dezembro do mesmo ano.

As obras foram começadas na primeira quinzena de Março de 1885 e terminadas na segunda quinzena de Junho de 1893.

Está o farol montado em uma bela torre, tendo o centro da luz a 58 metros acima do nível médio do oceano, com grupos de quatro clarões brancos de 24 em 24 segundos.

Na sua construção foram cravadas 97 estacas com 8.5 m. de comprimento e 0,26 m. de diâmetro na cabeça, serradas a 2,05 m. abaixo de nível médio do mar, sendo as cabeças das estacas envolvidas em betão de argamassa de *pozzolana.* Nas alvenarias foi empregado o grés de Eirol e alguns granitos de óptima qualidade.

Foi esta importantíssima construção começada pelo Eng.º Silvério e continuada por Figueiredo e Silva, sendo concluida pelo Eng.º José Maria de Melo de Matos

O orçamento pouco foi excedido, pois a obra ficou por 51 265$755 réis.

O farol — inaugurado em 15 de Outubro de 1893 — tem 314 degraus de acesso fácil, exceptuando os últimos 10 ou 12, que são como os das escadas de bordo e conduzem à *lanterna*, que é como chamam ao espaço, todo em vidro, aonde está o aparelho de rotação. Hoje, esse aparelho já é eléctrico, mas antigamente era iluminado por um candeeiro de petróleo de nível constante.

A. L.

★ Assistiu ao lançamento da primeira pedra o Professor da Universidade de Coimbra Doutor Bernardino Machado, à data Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, e, posteriormente, por duas vezes, Presidente da República.

L. V.

10 *Que se entendia por «Vila Nova», em Aveiro?*

★ No séc. XV, o território que hoje forma a freguesia da Vera-Cruz era apenas um pequeno agrupamento de casas extra-muros de Aveiro, construídas de adobes de lama e colmadas — era *Vila Nova.*

O largo do Cojo (que já foi chamado Praça da Princesa Amélia) não existia, assim como a maior parte da Rua de José Estêvão. Onde mais tarde foram as ruas dos Mercadores, Alfena, Fontes Pereira de Melo, do Sol, Praça do Comércio, Rossio, Praça do Peixe, e demais parte baixa da freguesia, eram os estaleiros onde se construirdm as naus, caravelas, barcas e mais navios destinados à pesca na Terra Nova e outras viagens de longo curso, ou eram o ancoradouro dos pequenos batéis de barra dentro.

De Sá a S. Gonçalo, havia casais entre cearas e vinhas.

Tudo o mais eram terrenos alagados.

A *Vila Nova* ou o *Arrabalde*, como também era conhecida, foi quase exclusivamente habitada por pescadores, pilotos e marinheiros.

M. G.

★ A capela de Nossa Senhora da Alegria pertenceu a pescadores que aqui tinham uma rendosa confraria e um hospital na Rua de *Vila Nova* — hoje Largo de Nossa Senhora da Alegria. Parece-me...

L. V.

MENINA DE AVEIRO

Menina de Aveiro, teus olhos bonitos
Disseram-me sonhos, de tons infinitos
E de imagens ricas!
Menina de Aveiro, de face tão bela,
Eu vejo-te, ao longe..., na tua janela
Para as «Cinco Bicas»!...

Menina de Aveiro, que estudas no Sul...,
Falou-te o poeta e sente-se exul
Da tua candura!
Menina de Aveiro, tão grácil e fina,
Serás, doravante, a sempre Menina
Da minha ventura!

Menina de Aveiro, não sabes quem sou!
Um vate longínquo..., que só te falou
Momentos, apenas!
E, desses momentos, Menina de Aveiro,
Nasceu, em minha alma, feliz cativeiro...
De mágoas e penas!

Menina de Aveiro, sonhar não faz mal!...
O Artista, que eu sou, te viu na espiral
De um sonho de esteta!
Caminha o teu rumo, alheia a quem passa,
E, cheia de encanto, de garbo e de graça,
Ignora o poeta!...

Duarte de Lemnos

Neste dia 15 de Outubro...

Neste dia 15 de Outubro, verificaram-se em Aveiro, através dos tempos, inúmeros acontecimentos dignos de memória.

Na absoluta impossibilidade de evocá-los todos, registam-se alguns dos mais importantes ou dos mais curiosos.

Neste dia 15 de Outubro...

—... em 1628, Frei Miguel da Madre de Deus lançou a primeira pedra para a construção da igreja do Carmo, pedra que tinha gravadas as armas de D. Beatriz de Lara e os nomes do Papa Urbano VIII e do Rei Filipe III de Portugal.

—... em 1859, nasceu o ínclito aveirense Dr. Jaime de Magalhães Lima, pensador, poeta, ensaísta, crítico, exemplo de virtudes cívicas, e morais.

—... em 1867, começaram a funcionar, numa das salas do Liceu, as aulas nocturnas da Escola Industrial, com as disciplinas de Português, Geometria e Desenho.

—... em 1782, foi passada carta de corregedor de Aveiro ao bacharel José de Magalhães Castelo Branco, primo do cientista aveirense João Jacinto de Magalhães.

—... em 1869, faleceu o ilustre aveirense Dr. Padre José Joaquim de Carvalho e Gois, que foi cónego honorário da Sé do Porto, professor de Direito Canónico, pregador régio e vigário geral da diocese de Aveiro.

—... em 1878, faleceu João de Melo Freitas, antigo soldado da causa liberal e perfeito homem de bem, que exerceu os cargos de escrivão da Alfândega de Aveiro e de provedor da Santa Casa da Misericórdia.

—... em 1893, começou a funcionar oficialmente o farol da Barra de Aveiro.

Aqui está um punhado de notícias interessantes, com as quais pode assinalar-se este dia 15 de Outubro.